

# O patrimônio cultural da Força Expedicionária Brasileira e sua representação em diferentes espaços de memória no Brasil

## El patrimonio cultural de la Fuerza Expedicionaria Brasileña y su representación en diferentes espacios de memoria en Brasil

### The Cultural Heritage of the Brazilian Expeditionary Force and its representation in different Memory Spaces in Brazil

Viviane Regina Caliskevstz

vcaliska@gmail.com

*Doutora do PPG em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa -UEPG*

Leonel Brizolla Monastirsky

leonel@uepg.br

*PPG em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG*

**Resumo:** este artigo busca mostrar aspectos da representatividade social de acervos relacionados ao Patrimônio Cultural da Força Expedicionária Brasileira FEB em diferentes espaços de memória. Metodologicamente esse demonstra três formas de exposições de acervos museológicos: um espaço físico - Museu do Expedicionário de Curitiba (PR); um espaço virtual - Portal da FEB; um museu itinerante - Museu da Guerra (SC). Os dados quantitativos sobre museus pautam-se em documentos do IBGE e IBRAM. A geografia social aborda teoricamente o debate sobre as novas manifestações culturais no cotidiano social atual, tendo seu campo de análise nos espaços de memória físico, virtual e itinerante, construídos independentes do aparelho do Estado. O envolvimento social no processo de preservação e valorização se apresenta como o principal elemento, mostrando que a constituição do patrimônio da FEB depende muito mais dos sujeitos que se identificam com os acervos preservados, do que propriamente a oficialização institucional dos bens patrimoniais.

**Palavras-Chave:** patrimônio cultural da FEB, Museu do Expedicionário de Curitiba, Museu itinerante e virtual.

**Resumen:** este artículo busca mostrar aspectos de la representatividad social de acervos relacionados al Patrimonio Cultural de la Fuerza Expedicionaria Brasileña - FEB, en diferentes espacios de memoria. Metodológicamente hay tres formas de exposiciones de acervos museológicos: un espacio físico - Museo del Expedicionario de Curitiba (PR); Un espacio virtual - Portal de la FEB; Un museo itinerante - Museo de la Guerra (SC). Los datos cuantitativos sobre museos se basan en documentos del IBGE e IBRAM. La geografía social aborda teóricamente el debate sobre las nuevas manifestaciones culturales en el cotidiano social actual, teniendo su campo de análisis en los espacios de memoria física, virtual e itinerante, construidos independientes del aparato del Estado. La participación social en el proceso de preservación y valorización se presenta como el principal elemento, mostrando que la constitución del patrimonio de la FEB

depende mucho más de los sujetos que se identifican con los acervos preservados, que propiamente la oficialización institucional de los bienes patrimoniales.

**Palabras clave:** patrimonio cultural de la FEB, Museo del Expedicionario de Curitiba, Museo itinerante y virtual.

**Abstract:** This paper aims to show aspects of the social representation of collections related to the FEB Cultural Heritage in different memory spaces. Methodologically showing three forms of exhibitions of museological collections: a physical space - Expedition Museum of Curitiba (PR); a virtual space - FEB Portal; an itinerant museum - War Museum (SC). Quantitative data about the museums is based on IBGE and IBRAM documents. Social geography theoretically addresses the debate about new cultural forms of manifestation in the daily social current, having in the spaces of real, virtual and itinerant memory, constructed independent of the State apparatus, its field of analysis. Social engagement are the main compound in this process of preservation and valorization thus FEB patrimony depends much more of veterans and fans devoted to the collections than the official heritage curators.

**Key-Words:** FEB Cultural Heritage, Expedition Museum of Curitiba, Itinerant and virtual Museum.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho busca mostrar aspectos da representatividade e simbolismo de acervos memoriais relacionados ao Patrimônio Cultural Militar da Força Expedicionária Brasileira (FEB), tendo como foco as características distintas: museu em espaço permanente e físico – Museu do expedicionário de Curitiba (PR); museu em espaço virtual - Portal da FEB (*web*); e museu itinerante – Museum da Guerra (SC). Para tanto, procedimentos metodológicos baseados na corrente Humanística com foco no social foram utilizados, partindo do entendimento de Durkheim (2007, p.1) ao defender que “não há por assim dizer, acontecimento humano que não possam ser chamados sociais”. Assim, o autor coloca que o sistema de signo socialmente criado é que dá aporte para que o indivíduo consiga se relacionar com o externo. Essa construção simbólica também é defendida por Hall (2016), mas através da corrente Construtivista, a qual defende os estudos culturais e o papel das mídias sociais na construção das identidades, tendo como conceito central a representatividade. “Representação se faz através de signos. Um signo é aquele que representa algo para alguém. [...] Sua função é ‘significar’. [...] O sistema de representação é provenientes de imagens mentais e não existem dissociadas do processo de leitura que se faz do mundo” (KOZEL, 2007, p.120, 121, 123).

Para cada uma das formas de representatividade museológica foram utilizadas metodologias distintas: para o Museu do expedicionário de Curitiba (PR), enquanto o espaço físico, com acervos da FEB expostos de forma tradicional (ou seja, em salas temáticas, com objetos protegidos por vidros, e placas de indicações) foram realizadas visitas de observação, visita agendadas com o setor de memória, de registro fotográficos dos arquivos de jornais, conversar abertas com funcionários e ex-combatentes, visitantes do espaço.

Para o segundo espaço analisado, o Portal da FEB, enquanto um espaço virtual foi utilizada a metodologia de Análise de Redes Sociais – ARS estabelecidas por uso de computadores, onde foi realizado um levantamento dos principais *sites* relacionadas à FEB através da ferramenta de busca do *Google*, com o uso de palavras-chaves. A Análise de Redes Sociais tem origem no século XVIII, com estudos relacionados à matemática, os quais buscavam uma compreensão das relações complexas. Enquanto relacionados a estudos sociais, as redes começaram a ser estudadas interdisciplinarmente na década de 1920, pela Biologia, Sociologia, e a Física (RECUERO, 2005). Segundo Capra (1996, p.77) a rede é o “padrão comum de organização que pode ser identificado em todos os organismos vivos [...] sempre que olhamos para a vida, olhamos para redes”. Mas foi com a Teoria da Informação, impulsionada pela Cibernética, na década de 1940, que os estudos de redes ligadas ao social começaram a se expandir, dando origem à criação de novas tecnologias (CAPRA, 1996). Para Castells (2000) foi o financiamento militar e dos mercados da indústria eletrônica que impulsionaram as pesquisas no campo tecnológico. Tendo como paradigma a propagação da informação, logo essa ferramenta se espalharia por diferentes esferas sociais. Com a criação da *internet*, nos anos 1960, pela DARPA – Agência de Projetos de Pesquisa Avançada do Departamento de Defesa dos EUA, a forma de comunicação e transmissão de informações transformaria o mundo em todos os sentidos (CASTELLS, 2000). Dessa forma as redes de computadores transformam-se em redes sociais ao conectarem pessoas. Na opinião de Castro e Spinola (2015, p.172) “as redes sociais na *internet* significam um recente e complexo conjunto de fenômenos comunicativos, sociais e discursivos”, onde as interações sociais criam e mantêm conexões que vão além do físico, construindo laços permanentes. O Portal da FEB foi o *site* que mais apareceu nas buscas, com uma extensão através de um perfil na Rede Social do *Facebook*, caracterizando duas formas de interação entre os usuários através de campos de comentários. Nessa rede foram utilizadas as ferramentas de troca de mensagens e arquivos (bate-papo) para entrevistar, na forma de diálogo, o administrador do *site*. Também foi hospedada na página uma enquete permanente, com perguntas abertas relacionadas à opinião dos usuários.

O terceiro espaço é o Museum da Guerra, um acervo particular exposto de forma itinerante desde 2013, com relíquias da Segunda Guerra Mundial. Reconhecido como o maior museu de guerras do Sul do país, com sede em Joinville (SC), possui página na rede social *Facebook*. O acervo pertence a quatro colecionadores, e o responsável pela curadoria das mostras é Doraci Vodzynski. O acervo é composto por mais de 600 peças, do montante de 6000 itens que ainda se encontram na Alemanha, dos quais: documentos, fardas e equipamentos de guerra usados nos campos de batalha, além de itens pessoais de soldados e de Hitler. A metodologia utilizada aqui refere-se à investigação conceitual sobre a forma de exposição itinerante, enquanto uma prática surgida no século XIX, ligada ao deslocamento de acervos dos grandes centros para localidades do interior, justificativa essa defendida pelo curador do Museum da Guerra, que acredita que as pessoas de modo geral precisam conhecer a história do Brasil na Segunda Guerra. Na opinião de Soares (2016), acervos e museus itinerantes estão ligados a mudanças de pensamentos culturais, onde a produção de conhecimento deveria ser difundida como forma de desenvolvimento

nacional, levando à população absorver novas formas de experiências estéticas e encantos através da arte. A propagação da itinerância inicia com empréstimos de obras entre museus e logo a prática se espalha em escalas globais, chegando às décadas de 1940-50, com manuais elaborados pela UNESCO, como forma de coordenar as regras de empréstimos e formas de circulação.

Os três de estudados acervos tem como foco a Segunda Guerra Mundial e seus objetivos pautam-se na preservação da memória da categoria social dos expedicionários brasileiros que dela participaram ativamente, um dos mais importantes e marcantes fatos históricos mundiais. No caso da participação dos soldados brasileiros nesse episódio, seus feitos materializam-se na atualidade na forma de reconhecimento, simbolismo social e patrimônio militar através de museus, livros, acervos patrimoniais, associações, desfiles cívicos e inúmeras manifestações virtuais como *sites* e *blogs*. Este estudo mostra que dentre algumas características identificadas nas análises, o envolvimento social no processo de preservação e valorização se apresenta como o principal elemento, mostrando que a constituição de um patrimônio depende muito mais dos sujeitos que se identificam com os acervos preservados, do que propriamente a oficialização institucional dos bem patrimoniais.

## A REPRESENTAÇÃO NA CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA E ESPACIAL

A Geografia enquanto ciência social busca compreender como a sociedade materializa nos espaços suas contradições, seus sentidos, emoções, ideologias e esperanças. A produção espacial depende de diferentes elementos, mas um dos principais condicionantes são as identidades, as entidades sociais e as relações entre esses, construídas num processo conjunto. Assim, enquanto uma concepção humanista, a Geografia entende a “Cultura no sentido de atribuição de valores as coisas que nos cercam” (GOMES, 2011, p. 311). A sociedade constrói seus espaços pela (rel)ação que exercem com o ambiente através das representações que dão sentido a essas ações. Esses espaços são formados por subjetividades (sentido/ideias) que materializam formas/objetos (casas, prédios, estradas, monumentos, tradições, manifestações) que serão incorporadas pelo social através da relação entre social (cultural) e ambiente (natural), dando início a um processo de troca simbólica, resultando em cultura e moldando o espaço. Essas trocas colaboram com a construção, afirmação e embates de identidades, processo esse comum a toda forma de cultura. Assim, todo patrimônio cultural é materializado num determinado espaço e tempo, e produz sentido a indivíduos ou grupos sociais a partir do momento que essa materialidade desperta um sentimento de representatividade e pertencimento (social ↔ espaço), ou seja, um “ato de inscrição do sentido no espaço” (SAHR, 2007, p.62). Dessa forma, como coloca Sahr (2007, p.63) “as interpretações (sentidos) dos signos reproduzem no espaço uma grande variabilidade de intenções e objetos existentes na sociedade”.

Segundo Kozel (2007, p.122) “um signo somente pode existir quando pessoas estão inseridas num contexto social, em um determinado momento histórico, pois as palavras

são neutras, os contextos é que lhe dão significado”. Nesse sentido, todo signo “é apenas uma possível interpretação da vida real e não a vida real em si” (SAHR, 2007, p.63). Todo esse sistema de representação só é possível devido a alguma forma de linguagem, que tem como objetivo, comunicar. É o processo de comunicar que gera e dá sentido ao signo, ou seja, o significado é gerado no sujeito social que possui uma interação com o objeto ou signo. Essa comunicação se dá por alguma forma de diferentes linguagens, sempre carregadas de discursos: “imagens, formas, cheiros, odores, sabores” (KOZEL, 2007, p.122), sons, língua, escrita, ou seja, toda forma de manifestação cultural produzida passa por esse sistema de representação. Não existe signo sem sentido ou significado e não existem esses sem um significante, ou seja, sujeito(s) que lhe deem sentido. A necessidade do espaço para reprodução desse sistema, segundo Sahr (2007, p.62) ocorre no ato de inscrição do sentido no espaço que a significação é gerada, assim “as interpretações (sentidos) dos signos reproduzem no espaço uma grande variabilidade de intenções e objetos existentes na sociedade” (SAHR, 2007, p.63).

Essa manifestação simbólica no espaço recebe o nome de cultura e, de um modo geral, estabelece-se a partir das relações sociais historicamente herdadas, resultante da capacidade de comunicação simbólica entre os humanos. As variações ocorridas nos modos de vida de diferentes povos e nações tornaram-se um dos elementos fundamentais na busca pela compreensão cultural. A cultura tem o papel de orientar nos sujeitos uma noção de passado, para que esses possam se localizar no presente. Seus elementos – costumes, crenças, valores, tradições, traços, saber fazer, constituem as amarras que ligam e seguram as relações dos indivíduos com o grupo e com o mundo. A isso, une-se o patrimônio cultural enquanto um bem ou um testemunho do fazer/saber humano, que tem caráter memorial e pertencimento para a sociedade. Hall (2007, p.02) identifica a cultura enquanto ação social, um conjunto de códigos com significados que dão sentido a essas ações. Esta, na visão do autor, vem assumindo novos sentidos a partir do século XX, principalmente com relação às “estruturas e organizações das sociedades”, definida por ele como “modernas e tardias”, onde “os meios de produção, circulação e troca cultural, em particular, têm se expandido, através das tecnologias e da revolução da informação” (HALL, 2007, p.2). Um dos principais elementos apontados por Hall (1997, p.2) no processo de mudança é a mídia, enquanto detentora das informações (que são trocas econômicas), “conhecimento, capital, investimento, produção de bens, comercio de matéria prima e *marketing* de produtos e ideias”, num verdadeiro mercado global. Assim, para o autor, os padrões estéticos e os produtos culturais não podem ser comparados “em termos de valores” a outros momentos históricos - num mundo globalizado, novas formas de tecnologias desencadeiam novas concepções de tempo e espaço, gerando mudanças em todas as esferas de relacionamento sociais.

Nesse sentido, Hall (2016) se debruça nos estudos sobre a representatividade e o papel das mídias sociais, trabalhando com a corrente filosófica do construtivismo, na busca pela compreensão de como a sociedade constrói seu mundo físico através de signos, símbolos, linguagens (discursos) e representa-o na forma de conceito (coisas, pessoas, instituições, mitos), defendendo que a representatividade deve ser olhada e entendida como uma



política, para que ela não se torne uma opressão existencial. Para isso, o autor utiliza-se de dois principais e diferentes conceitos do construtivismo: semiótica e discursiva. A primeira, “se concentra em como a representação e a linguagem produzem sentido” (HALL, 2016, p.26). Já a segunda, busca entender os “efeitos e consequências da representação”, ou seja,

Examina não apenas como a linguagem e a representação produzem sentido, mas como o conhecimento elaborado por determinado discurso se relaciona com o poder, regula condutas, inventa ou constrói identidades e subjetividades e define o modo pelo qual certos objetos são representados, concebidos, experimentados e analisados (HALL, 2016, p.27).

A representação é uma das práticas central que produz cultura através de “significados compartilhados” (HALL, 2016, p.17). Para que haja essa transmissão é necessário haver um signo (objetos/práticas), uma forma de linguagem (imagens, sons, discurso) e um receptor (indivíduos/significante). Nesse processo, a forma de linguagem transmite o sentido ao receptor, que a reconhece ou identifica-a (identidade), produzindo assim a cultura e conseqüentemente o espaço. A linguagem aqui é a representação composta por ideologias e características reconhecível (semelhantes), que despertará significado (sentimento) no receptor quando esse entrar em contato com o signo, pois como afirma Hall (2016, p.23) “o sentido é um diálogo – sempre parcialmente compreendido, sempre uma troca desigual”. Esse receptor é produto e produtor desse sistema, o que o coloca no centro desse processo. Pela interdependência entre os elementos, esse processo é complexo e dinâmico, e constitui o que Hall (2016, p.18) chama de “Sistema de Representação”.

## A REPRESENTATIVIDADE DA FEB ATRAVÉS DE ESPAÇOS MUSEOLÓGICOS

Mesmo tendo o estigma de instituições tradicionais, diante de um mundo cada vez mais tecnológico, os museus resistem às mudanças rápidas das sociedades, mesmo sendo os equipamentos culturais menos frequentados pelo público quando comparado a outros equipamentos (JORDÃO, 2014, p.54). Mesmo diante dessa realidade, a cada ano surgem novas e dinâmicas formas de exposições de acervos, mostrando que a valorização e preservação da memória social se faz presente.

Museu é uma forma de discurso. Enquanto portadores e contadores da história social, sejam elas do passado ou do presente, são apoio da memória e estão diretamente ligados a construção nacionalista. Para Santos (2003, p.134), “o acervo museológico é sempre produto da atividade humana, da História, das relações de poder”. Enquanto espaços forjados pela ideia nacionalista, Anderson (2008) aponta que toda forma de museu e imaginação museológica é essencialmente uma herança política em andamento. No Brasil, o número de museus atualmente ultrapassa os três mil registrados. Para Abreu (2006, p.66) museus são espaços de memória, assim como “arquivos, cemitérios, coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários, associações, rituais, cultos aos mortos”, que buscam um resgate dos laços de continuidade.

Não há um consenso sobre uma classificação para organizar os museus em uma tipologia definida, apenas indicações da forma como eles se apresentam ao público em diferentes formas e estilos, o que poderia ser chamado de metodologia expositiva. Dados recentes do IBRAM (2015) e do IBGE (2015), mostram que está havendo um aumento no número e na diversificação das atividades dos museus pelo Brasil, quando comparados a uma década atrás. O equipamento 'museu' aparece como item sem qualquer classificação temática ou segmento, sendo a metodologia expositiva de 'itinerante', um subitem de estratégia, ação ou meta.

Visto que o principal ingrediente de construção do imaginário nacional encontra-se no campo simbólico, esse está sempre sujeito a sofrer constante estímulo de mudanças, principalmente diante de novas tecnologias de informação. O processo de resistência dos antigos espaços de memória vive na dependência das mudanças sociais, numa dependência direta com o sentimento da sociedade. A isso vê-se muitos exemplos de museus que ao manter-se numa configuração tradicional, não possuem público, caracterizam-se como depósitos de 'velharias' que somam gastos as cofres públicos, ou que fecham as portas ou fecham-se dentro de instituições.

Silva (2012), ao analisar espaços de museus urbanos sobre as FEB, constata que o objetivo desses é preservar a memória dos feitos da FEB e despertar as lembranças dos próprios ex-combatentes, como de famílias e agentes envolvidos nesse fato histórico. Silva (2012) se propõe a explicar como se dá a elaboração dos espaços de memória e de patrimônio histórico sobre a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial do ex-combatentes, afirmando que esses espaços de memórias servem como despertadores de lembranças e vivências dos ex-combatentes. O processo de reconhecimento social do papel desses combatentes teve início em diferentes intensidades, já na chegada das tropas ao Brasil em 1945, no regresso da guerra, intensificando-se nas décadas de 1980 e 1990, através de iniciativas como conquistas da instituição de uma pensão e o direito de participar em desfiles cívicos,

Assim, para Silva (2012) esses espaços buscam mostrar aos visitantes "uma maior compreensão histórica dos efeitos negativos e positivos que o Brasil teve com a sua participação no conflito da Segunda Guerra Mundial" (SILVA, 2012, p.2) Outros eventos nacionais são desencadeadores dos movimentos de preservação da memória da FEB, como centros de estudo e pesquisas, grupo de pesquisas institucionais, revistas científicas, *sites* e *blog* virtuais, criando novos espaços de memória social.

Mas para Silva (2012), esse movimento de reconhecimento social iniciou já em 1948, com a criação no Rio de Janeiro da Associação Nacional dos Ex-Combatentes do Brasil. Dirigida num primeiro momento por elementos da reserva do exército brasileiro e com seções constituídas em vários Estados do Brasil, essa associação não distinguia os combatentes diretos dos que ficaram em solo nacional. Por isso, em 1970 foi criada a Associação Nacional dos Veteranos da FEB, que deveria defender os direitos dos ex-combatentes perante o Estado brasileiro, além do reconhecimento e preservação da memória da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial.

Na década de 1970, Rosa (2010, p.98) afirma que houve um movimento de solicitação do ex-combatentes a eventos comemorativos e abertura dos quartéis para visita pública.

Em fins da década de 1970 e décadas posteriores, inicia-se o processo de solicitação da presença dos ex-combatentes em formaturas dentro dos quartéis, conforme afirmações prestadas nas entrevistas com veteranos de guerra. Esse procedimento ajudou a divulgar, tardiamente, os feitos dos ex-combatentes, levando essas informações, de uma forma lenta para o meio social. Essas participações em formaturas perduram até a atualidade, nas quais são realizadas homenagens, sendo ordenado sempre que há presença de um ex-combatente, que seja dado o toque a clarim de: “*ex-combatente presente*”.

Esse procedimento participativo, dentro dos quartéis, pode ser alvo de uma pesquisa futura, a qual vise buscar uma compreensão sobre a tentativa de aproximar a sociedade dos soldados que representaram o país em campo de batalha e em que aspecto isso contribui no processo de preservação da historiografia da FEB. Esse novo foco poderia possibilitar um resgate da memória da Força Expedicionária, uma vez que, na atualidade, há uma grande preocupação por parte das autoridades militares em levar a sociedade para dentro dos quartéis, e realizar uma divulgação das atividades desempenhadas pelas Forças Armadas. Essa abertura ao público externo tem como finalidade estreitar os laços entre o meio social e o meio militar. Grande parte dos acervos históricos, que preservam a memória da FEB, encontram-se em pequenos museus montados dentro dos quartéis. O contato da sociedade com esses pequenos espaços desperta interesse por parte daqueles que desconhecem esse momento histórico. Possibilita que sejam estimuladas leituras de obras que abordem essa historiografia. Esses espaços têm uma concentração de maior acervo dentro das unidades que participaram do contexto da Segunda Guerra, como o 1º RI, 6º RI, 11º RI, o Batalhão de Engenharia, hoje com outras denominações, porém como as mesmas localizações (ROSA, 2010, p.98).

Outras formas de manifestações relacionadas ao movimento de apoio e preservação da memória da FEB surgiram desde 1945: ANVFEB (Associação Nacional dos Veteranos da FEB) – Rio de Janeiro (RJ), Fortaleza (CE) e Recife (PE); Casa de FEB (RJ); Associação dos Ex-Combatentes do Brasil (SP); Associação de Campinas (SP); Associação de Petrópolis (RJ); Associação de Florianópolis (SC); 19 museus espalhados pelo território nacional e na Itália; Centro de Estudos e Pesquisa de História Militar (CEPHiMEX); Revista *Militares e Política*, e várias casas de apoio que acabaram se transformando em museus; *sites*: Portal da FEB, *Ecos da Segunda Guerra*, além de inúmeros *blogs*, livros e documentários áudio visuais.

O contexto da Segunda Guerra Mundial se faz presente na memória da sociedade atual e apresenta elementos que são pilares para a identificação de elementos patrimoniais culturais, sejam eles memória e relatos, simbolismo social, forte representatividade, acervos particulares, reconhecimento de acervos em museus em cidades e em espaços virtuais. Estudos como de Andrade e Coloda (2012), Oliveira (2011), Rosenheck (2008) e Silva (2012) trazem discussões sobre a categoria de expedicionários da Segunda Guerra Mundial, seus processos de reintegração e simbologia social despertada pela sociedade, e espaços urbanos de valorização do patrimônio cultural militar.



### a. Museu do Expedicionário (PR)

O atual espaço do Museu do Expedicionário, situado na Praça do Expedicionário, na cidade de Curitiba (PR), já foi um local de apoio e assistência aos ex-combatentes de guerra administrado pela Legião Paranaense do Expedicionário (fundada em 1946), sendo configurado como museu no ano de 1980. Com 1.264 m<sup>2</sup>, guarda acervo documental (fotografias, documentos, filmes, mapas, livros, ilustrações) e artefatos referentes à Segunda Guerra Mundial. Em seus períodos mais interativos, a administração do museu realizava exposições itinerantes, com acervos menores, levados pelo país, principalmente nas regiões Norte e Nordeste. Esse projeto iniciou-se em 1996, incentivado pelo pracinha Thomas Walter Iwarsen, mas foi encerrado em 2001 com sua morte. Atualmente é considerado o mais moderno, completo e atualizado do país, com significativo acervo interno e externo. Como parte do prédio, essa praça apresenta três monumentos ligados as Forças Armadas: uma âncora, um tanque de combate e um avião Thunderbolt P-47D. No alto da edificação há uma escultura em pedra sabão de autoria de Humberto Cozzo, representando uma patrulha de infantaria em ação (Figs.1 e 2).

Figura 1 - Museu do Expedicionário - Curitiba (PR).



Fonte: Pontal da FEB <[www.portalfeb.com.br](http://www.portalfeb.com.br)>

O museu recebe visita de escolas, pesquisadores, e familiares de ex-combatentes. Em entrevista com José Quinquino, funcionário há 30 anos no museu, o mesmo comentou sobre as varias mudanças ocorridas no funcionamento do espaço ao longo do tempo. As reuniões dos pracinhas tinham cada vez menos integrantes e os churrascos realizados por eles deixaram de ser frequentes, mostrando que o tempo pouco a pouco os retirou do espaço do museu.

Figura 2 – Placa com nomes dos soldados paranaense mortos em combate na Itália, em frente ao Museu do Expedicionário – Curitiba (PR).



Fonte: Caliskevstz, 2015.

Quando perguntado sobre o que os pracinhas representam para o museu, seu José respondeu que esses são mais que parte do museu, eles são o principal patrimônio ali. Quando indagado sobre o futuro do museu sem os pracinhas, esse acredita que as famílias dos expedicionários, juntamente com a Legião dos Expedicionários, que administra o espaço, darão continuidade as atividades do museu, reconfigurando-o, já que por enquanto ainda o museu divide atenção com a presença de alguns ex-combatentes, mas que o museu nunca será o mesmo sem a presença diária dos pracinhas. Seu José contou que passou um bom tempo da vida ouvindo histórias, mas pontuou que essas não eram sobre os combates violentos, pois muitos pracinhas se recolheram dentro de si, não conseguindo expor suas experiências. As histórias eram das mais variadas, *'bagunças e farras'*, por exemplo, como colocadas pelo seu José. Quando indagado sobre a grande valorização que os pracinhas recebem da Itália, ele esclarece que o Estado brasileiro deu apoio, mas nunca se preocupou em valorizar a participação do Brasil na guerra ao longo do tempo, pois uma grande parcela da sociedade atual não lembra ou nem sabe que o Brasil fez parte desse evento, principalmente nas grandes cidades, onde o tempo rápido nos modos de vida se faz mais presente, quando comparado às cidades interioranas, onde é comum todos se conhecerem.

Uma das atrações desse espaço ainda é a presença quase diária de ex-combatentes, como afirmou seu José – *'Eles são a atração do museu'*. A presença se intensifica nas quarta-feira, quando pelo menos dez pracinhas reúnem-se no espaço do museu para conversar. Em uma das visitas para coleta de dados deste trabalho um ex-combatente da marinha estava presente, contando suas histórias aos visitantes. Esse senhor, com 91 anos, é natural de Natal (RN), e mora em Curitiba há mais de 15 anos. Nunca deixou de frequentar o museu e sempre aborda os visitantes com suas histórias de vida e luta. Sempre há nesse espaço, comemorações e condecorações aos que ainda vivem.



## b. Portal da FEB

Outro espaço de memória analisado, idealizado e organizado por Derek Destito Vertino, é o Portal da FEB (Fig. 3). Criado em 2010, se destina unicamente a valorização da categoria e é um dos mais importantes museus virtuais do Brasil. Já recebeu o acesso de mais de 30 mil pessoas que de alguma forma estão ligadas aos Expedicionários da Segunda Guerra Mundial. O acervo é ampliado constantemente pelas pessoas que acessam o *site*, onde, compartilhando suas próprias histórias, criam um acervo patrimonial pouco visto em museus físicos. No Portal, cada expedicionário recebe significado e valorização própria num espaço virtual que reúne toda a representatividade, valorização e sentimento de familiares, admiradores e pesquisadores dessa categoria, mostrando que eles são ‘especiais’ e permanecem vivos na memória social nacional.

Em conversa com o organizador e administrador do *site* pela rede social *Facebook*, algumas questões foram levantadas sobre o papel do Portal na valorização da memória da categoria:

1 - você acha que a valorização dos expedicionários é mais forte nas redes sociais, como o Portal da FEB, *blogs* e outros espaços, quando comparado com a valorização material-física dada através dos museus físicos, praças e monumentos urbanos? Você classificaria o portal como um museu *online* desse patrimônio?

Figura 3 – Print Screen do site Portal da FEB.



Fonte: Portal da FEB <www.portalfeb.com.br>

- Sem dúvida, eu sou o organizador da página, mas os internautas são os colaboradores, lá temos filhos de expedicionários, pesquisadores, jornalistas e militares que entram em contato para divulgar as suas monografias, teses, documentários ou livros, é como se fosse a Wikipédia, mas passa por mim antes, são 850 artigos no site, eu escrevi no máximo uns 10 ou 15, daí você vê a

*importância do internauta, no Facebook as colaborações são ainda maiores com notas de falecimentos e textos menores, e o público é específico, temos quase 30.000 fãs dentro de uns 4 anos de trabalho.*

2 - E desses 30 mil fãs, todos tem relação direta com os expedicionários?

*- É um público variado, depende do interesse, às vezes é um escritor pedindo espaço, ou o parente de um expedicionário compartilhando a biografia do veterano ou nota de falecimento dele. Nós temos os gastos com hospedagem e domínio do site. As pessoas compram as nossas camisetas e ainda enviam fotos vestindo-as como garotos propagada para ajudar a vender mais ainda.*

Após essa conversa, foi realizada uma enquete<sup>1</sup> no dia 8 de junho de 2015, sobre a importância do Portal da FEB, agora hospedada de forma permanente na página do Portal no Facebook. Nessa enquete algumas questões relacionadas ao Portal foram feitas:

- Qual é a sua opinião sobre as postagens do Portal FEB?

*- De grande valia pelo resgate histórico.*

*- As postagens são excelentes para pesquisar e divulgação da FEB e valorizar os nossos verdadeiros heróis.*

*- São postagens que elevam e não nos permitem esquecer quem foram esses homens e sua grandiosa missão no mundo. Com postagens ativas, imagens, links, vídeos e etc, mantém o internauta conectado com o passado dos heróis e com o "atual" dos heróis.*

*- as postagens são grandiosas num sentido moral e histórico! Aprecio muito!*

*- Acho as postagens da maior relevância, pois são troca de experiências e recordações de filhos, sobrinhos e netos de ex-pracinhas, além de matérias relevantes apresentadas por todos. As fotos dos arquivos pessoais, sempre inéditas, as histórias e artigos resgatados. Acho fundamental, pois foi esta Liberdade que os Pracinhas foram defender na Itália.*

*- O Portal da FEB e suas postagens representam um grande serviço à memória e à história do Brasil. Assuntos muito importantes, divulgados com eficiência e qualidade.*

*- O Portal da FEB reúne informações valiosas, acervo e notícias.*

*- O melhor site sobre o assunto! Parabéns ao 'Portal da FEB' e a todos seus anônimos e patriotas mantenedores.*

- Quais são os atrativos?

*- as histórias desconhecidas, as histórias do ponto de vista pessoal e não somente políticos.*

*- Conhecer melhor a história da FEB e saber mais sobre os Veteranos que contam sua passagem pela Segunda Guerra.*

*- O atrativo é a ideia de manter viva a lembrança dos que mal são lembrados na nossa história. Homens que levaram a bandeira brasileira aos Aliados para defender a paz no mundo. Homens que se sacrificaram para proteger cada um de nós, do poder nazista na costa brasileira.*

*- O que atrai é a possibilidade de estar sempre aprendendo sobre a FEB, o acesso a fotos inéditas e as notícias sobre a atual situação dos veteranos do país inteiro. Tudo isso na linha do tempo do Facebook, muito prático.*

*- A oportunidade de conhecer melhor a nossa história e compartilhar com amigos.- O que você acha da liberdade dos internautas em colaborar diretamente com a página?*

<sup>1</sup> Link de acesso à enquete: <<https://www.facebook.com/portalfeb/photos/a.293679184058126.67223.234557183303660/934438693315502/?type=1&fref=nf&pnref=story>>. Hospedada em 08/06/2015.

- *útil, toda complementação te seu valor.*
- *Isso incentiva a muitos a se interessarem pelo tema da Segunda Guerra Mundial.*
- *Acho realmente interessante! Pois muitos “curtidores” possuem fatos, evidências, documentos, que auxiliam a contribuir com a exemplar e a grandiosidade e quantidade dos nossos heróis. Principalmente, com a liberdade, certas vezes, de algum artigo publicado.*
- *não existe nada mais rico do que trocar informações, essa oportunidade é única!*
- *Engrandecedora. Permite que todos contem histórias sobre seus parentes que integraram a FEB, enviem fotos particulares inéditas e façam comentários sobre a história. Enfim, permite que informações circulem.*
- *Quais são as diferenças que você observa ao comparar o Portal FEB com os museus físicos?*
- *É um portal que podemos contar com as novidades na hora que precisamos e não temos tempo de visitar um museu físico.*
- *Infelizmente, ainda não pude comparecer a nenhum museu físico.*
- *Aqui no Portal temos um acervo que nenhum museu terá: a memória viva dos descendentes dos pracinhas, além de seus acervos pessoais.*
- *quem não tem a oportunidade de visitar um museu, aqui no portal consegue ter uma ideia sobre o assunto.*
- *É mais dinâmico que os museus físicos pois é atualizado várias vezes por dia e permite uma interação/troca muito maior com todos os “curtidores”, que são provenientes de todas as regiões do país. A principal diferença, no entanto, é a praticidade. Temos acesso a tudo isso sem sair de casa, na tela do computador, de forma fácil e rápida. Os museus brasileiros, especialmente os da FEB, têm um grave problema: o horário de funcionamento é muito curto e os dias da semana limitados. Normalmente não funcionam aos finais de semana. Esse ponto é uma diferença fundamental. O digital é o presente e o futuro.*

Os internautas são unânimes em responder que o espaço do Portal da FEB reúne um acervo que nenhum museu físico possui, e por ser interativo, tem um alcance muito maior de compartilhamento da história dos ex-combatentes, servindo como um importante espaço de pesquisa, divulgação e fortalecimento da memória febiana.

Hoje, mais do que nunca a sociedade vive no mundo das imagens, onde as novas mídias tecnológicas possibilitam a expansão das relações sociais pelo tempo e pelo espaço, aprofundam as formas de conexão global, anulam as distâncias entre pessoas e lugares, criando novas formas de contato intenso, imediato, presente, e global, sem deixar a conexão com o local, que passa a não ter mais uma identidade fechada, mas sim uma identidade ligada ao global. Identidades essas que são reafirmadas ou assumem novas roupagens diante de embates de culturas diferentes, num movimento que não se restringe na troca “do velho pelo novo”, mas surgimento de “algumas alternativas híbridas, sintetizando elementos de ambas, mas não redutíveis a nenhuma delas” (HALL, 1997, p.3) (...). “O próprio ritmo e a irregularidade da mudança cultural global produzem com frequência suas próprias resistências” (HALL, 1997, p.4) num movimento dialético que da origem às renovações identitárias, constituídas por elementos materiais e subjetivos do passado e do presente.



Se “as culturas movem-se não apenas pelo que existe, mas também pelas possibilidades e projetos do que pode vir a existir” (SANTOS, 1987, p.17), parece compreensivo que com o advento de inúmeras tecnologias de informação, a sociedade projete suas identidades e seus valores simbólicos a novas configurações, como por exemplo, os espaços virtuais. Esses se afirmam enquanto realidades materializadas nas mais diversas camadas sociais, e subjetivamente, nos comportamentos cotidianos dos indivíduos, não sendo possível, sua negação ou indiferença, essas não pode mais ser vistas como algo sem importância, elas “tem de ser vista como algo fundamental, constitutivo, determinando tanto a forma como o caráter deste movimento, bem como a sua vida interior” (HALL, 1997, p.6).

Sendo uma nova ordem social extremamente recente, o estudo científico de comunicação e interação social através do virtual se apresenta na forma de processo de descoberta, jamais finalizado e conclusivo. Massey (2012, p.33) enfatiza a necessidade de olhar a representatividade dos fenômenos enquanto trajetória no tempo/espaço, pois sendo “uma coisa viva, uma atitude científica, uma coletividade, uma convocação social”, eles estão em constante transformação, assumindo novas posturas, roupagens, adaptando-se as novas ordens sociais, mas sempre na busca pela sobrevivência e pelo reconhecimento (mesmo que esse se de no campo do não esquecimento). Um dos principais embates e discussões sobre a temática das relações sociais através da rede de *internet* se faz diante da questão, trazida por Castells (1999): se a *internet* favorece a criação de novas comunidades, as chamadas comunidades virtuais, ou se essa, ao contrário, induz a sociedade a um isolamento entre pessoas e o mundo? Em seus argumentos, o autor coloca que as pessoas tendem a se reunirem, num espaço virtual, em torno de valores e interesses comuns, o que acarreta novas formas de identidades, reforçadas pelos pares e pelos embates. Diante disso, o autor afirma que não está claro o grau de sociabilidade que ocorre nas redes eletrônicas, e quais são de fato as consequências culturais dessa nova forma de sociabilidade. Contudo, não se pode negar que há sempre um movimento constante de sobrevivência dos fenômenos sociais, que tendem a novas adaptações, novas roupagens, que exigem novas interpretações. Jamais pode-se afirmar que os novos meios de comunicação sociais, mesmo diante de uma característica pouco sentimental (em termos de isolamento), não possuem sentido.

Ao citar Rheingold, Castells argumenta que

Em geral entende-se que comunidade virtual, é uma rede eletrônica autodefinida de comunicações interativas e organizadas ao redor de interesses ou fins em comuns, embora a comunicação se torne a própria meta. Tais comunidades podem ser relativamente formalizadas (...), ou formadas espontaneamente por redes sócias que se conectam a rede para enviar e receber mensagens no padrão de horário escolhidos (CASTELLS, 1999, p. 443).

A esse respeito, observa-se que os museus virtuais, além dos já conhecidos objetivos de valorização da memória e reconhecimento da sociedade enquanto parte do patrimônio ali apresentado, buscam a maior acessibilidade de visitantes renovando formas de atração, preservação e disseminação das heranças culturais, criando novo embate com as antigas estruturas de preservação (físicas e ideológicas).

### c. Museum da Guerra

O Museum da Guerra (Fig. 4), na cidade de Joinville (SC), constituído de forma itinerante, esbarrou na dificuldade e custos de manter-se em um espaço fixo. Assim, desde sua inauguração em 2013, o curador percorre cidades do interior do estado levando as mais de 600 peças, adquiridas da cidade de Weiskirchen, na Alemanha, por um grupo de quatro colecionadores que desde 1946 se dedicam ao resgate de objetos usados pelas tropas alemã e brasileira. Dentre esses colecionadores destaca-se Rochus Misch, guarda-costas de Adolf Hitler, um dos financiadores da ideia de montar um museu das guerras mundiais no Brasil. Segundo o curador da exposição, o acervo completo, ainda na Alemanha, contém mais de 6.000 peças, com itens que datam da Primeira e Segunda Guerras Mundiais, de tropas alemãs, brasileiras, francesas, japonesas, russas e norte-americanas. Dentre os objetos da exposição estão armas, uniformes, utensílios para alimentação e saúde, documentos pessoais, cartas, fotos, livros, arquivo secreto dos pracinhas brasileiros, capacetes, mochilas, material de sinalização, granadas, e em destaque a máquina de escrever utilizada por Adolf Hitler e sua secretária, além do 'Rádio do Povo', de 1933, aparelho presente em todas as casas alemãs, usado para disseminar a propaganda nazista.

Para o curador, o principal motivo de levar esse acervo as pessoas é uma forma de contar uma história esquecida pela maior parte dos brasileiros, que não costumam visitar museus por não se reconhecerem parte dessa história. A região de colonização alemã no estado de Santa Catarina viveu intensamente o reflexo da Segunda Guerra Mundial, e suas histórias se fazem presente na memória da população, o que pode explicar o alto número de visitantes, chegando a uma média de 5 mil pessoas no período de 10 a 15 dias em que a exposição permanece nas cidades por onde passa. Chama a atenção o comportamento dos visitantes, os quais observam as peças detidamente, comentando com os demais sobre esses itens, sempre referenciando suas histórias pessoais, mostrando que de fato possuem forte ligação com a história que cada item conta.

Figura 4 - *Print Screen* da rede social Facebook da página do Museum da Guerra.



Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/museudaguerra/?fref=ts>.

Essa forma de levar um acervo até as pessoas de forma itinerante tem a ver com a democratização do acesso aos instrumentos culturais, busca não somente atrair, mas expandir o público, levando “as coleções a outros públicos em contextos diferentes, afastando-se um pouco dos modelos e dos locais tradicionais de exibição” (XAVIER, 2012, p.69). Dessacralizando a imagem do museu tradicional, esse acervo passa a ser uma instituição viva. Enquanto uma nova metodologia reforçada nos anos de 1940 como uma concepção ideológica de mudança social, ligada a ideia de desenvolvimento dos cidadãos, os quais deveriam ter acesso à cultura e as artes, os museus itinerantes se firmaram como importante ferramenta de educação.

## CONCLUSÕES

A exemplo do contexto brasileiro na Segunda Guerra, a sociedade de modo geral passou pelo processo de construção dos sentidos nacionalistas<sup>2</sup>, usados para regular e organizar as práticas e condutas sociais. As representações foram utilizadas como forma de estruturar e direcionar (segundo interesses de grupos detentores de poder) a identidade de todos, permanecendo e fortalecendo-se até os dias atuais. Esse processo identitário com os feitos da categoria da FEB, ocorre principalmente em cidades menores, onde a relação entre indivíduos se dá de forma mais direta e o reconhecimento é mais forte. Os próprios expedicionários, agora individualizados, com nomes e uma história, passam a ser a materialidade que a realidade subjetiva das representações nacionalistas construíram, mas que não era palpável, somente imaginada. Os heróis ainda vivos que eram exaltados em jornais e rádios, agora moravam na esquina.

Esse é o ponto em que as identidades tendem a se reforçar, e potencializar suas formas de representação. Assim, novas estátuas, bustos, placas e espaços de valorização da memória foram sendo construídos. Museus, monumentos, símbolos, acervos, e os indivíduos da categoria, transformam-se em patrimônios nacionais não apenas por sua representatividade, por seus sentimentos de respeito, pertencimento e preservação de seus bens materiais e suas memórias, mas também por terem todos de alguma forma, uma ligação coesa de responsabilidade nacional com a história da participação do país numa guerra mundial. Essa se traduz na principal questão apontada pelas pessoas, nos diferentes meios pesquisados, as quais culpam a sociedade e os governos pelo abandono e esquecimento.

Dessa maneira, os feitos e sentimentos da história da FEB materializaram-se na forma de um conjunto cultural representado por um sistema de linguagem: discursos, ritos, imagens, textos, monumentos, espaços de memória e objetos, construídos (num determinado tempo) e transferidos (pelo tempo/ espaço, por várias gerações) num processo de troca, aos demais membros da sociedade, que tomaram a decisão de adotá-los em maior ou menor escala,

<sup>2</sup> Esse processo já vinha ocorrendo no Brasil desde sua fundação, como apontado por Chauí (2000), potencializado no período republicano (CARVALHO, 1990), e disseminado pelo uso das mídias (rádio e jornais) no período da Segunda Guerra Mundial.

mas nunca negando-os, pois somente no processo de aceitação e troca é que os indivíduos conseguem ler, decodificar e interpretar os signos, adotando-os através de seu sentir, como pertencentes a eles. Todo o conjunto cultural da FEB representa as ideias, sentimentos e conceitos de nacionalismo, construído e implantado no cenário social brasileiro.

Nesse trabalho, o recorte analisado refere-se a apenas três elementos representativos da categoria, mas há centenas de outros que mereceriam ser reconhecidos, estudados e preservados. Entende-se que o setor cultural no Brasil ainda é extremamente desvalorizado, e as ações culturais não podem ficar à mercê das vontades, ideologias e ações do poder público, como ocorre nas grandes cidades. As funções de reconhecimento identitário, valorização e preservação da memória social dependem de cada sujeito e coletividades que se reconheçam nas diferentes formas de cultura e arte, principalmente se esses tiverem ligadas as subjetividades sociais, independentes dos espaços físicos que se encontram.

Percebe-se que as diferentes formas de museus abordados nesse trabalho constituem-se espaços de memória dinâmicos e interativos, que despertam sentimentos de reconhecimento e identidade nos visitantes, contribuindo com o fortalecimento da memória histórica e com a construção do pensar patrimonial. Enquanto os museus reais, na sua maioria, constituem-se de narrativas nacionais, os museus virtuais, mesmo tendo elementos ligados a nação, são constituídos por narrativas pessoais. Nesses espaços virtuais o sentimento de identidade tende a se fortalecer ainda mais quando os sujeitos passam a fazer parte da construção histórica e simbólica de um patrimônio, processo esse que depende unicamente da identificação dos sujeitos com esse acervo. No entanto, a maior perda que se tem com as interações virtuais é a falta de contato entre os sentidos e o mundo material. Logo, o virtual (pelo menos por enquanto) não proporciona as mesmas sensações de viajar pela história ao adentrar um museu físico e ambos os modelos deveriam coexistir.

Percebe-se a impossibilidade de manter as histórias de base da sociedade nas memórias somente dos líderes mais velhos de determinados grupos. Novas formas de preservação e disseminação das heranças culturais surgem e são adotadas pelos grupos sociais, criando embates entre as velhas e novas estruturas de preservação. Assim, entender a materialização virtual de novos espaços de memória e até um possível processo de patrimonialização virtual leva à busca do entendimento que os novos significados do patrimônio adquirem.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, R.M. Síndrome de Museus? *Revista Encontros e Estudos*, Rio de Janeiro, v. 2, n.1, p. 51-68, 1996.
- ANDRADE, B.; COLODA, T.A. **Patrimônio cultural militar da cidade de Ponta Grossa - PR**. 2012. Monografia (Bacharelado em Geografia) – Universidade Estadual de Ponta Grossa – PR.
- ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e expansão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BRASIL. **Plano Nacional Setorial de Museus - 2010/2020** (2010: Brasília – DF) Ministério da Cultura, Instituto Brasileiro de Museus. – Brasília, DF: MinC/Ibram, 2010. Disponível em: < <http://www.museus.gov.br/plano-nacional-setorial-de-museus-pnsm/>>. Acesso em: 18 ago. 2016.

\_\_\_\_\_. **Instituto Brasileiro de Museus - Ibram** - Pesquisa da 13ª Semana Nacional de Museus. Período de aplicação: 25 de maio a 30 de junho de 2015. Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/tag/13-semana-de-museus/>>. Acesso em: 18 set. 2016.

CASTELLS, M. **A sociedade em Rede**. 8.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, F.M.; SPINOLA, C.A. Metodologia de pesquisas na internet: breves considerações sobre uma pesquisa qualitativa em turismo nas redes sociais. **Revista Iberoamericana de Turismo - RITUR**, Penedo, v. 5, n.1, p. 170-188, 2015. Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=Metodologia+de+pesquisas+na+internet%3A+brevemente+considera%C3%A7%C3%B5es+sobre+uma+pesquisa+qualitativa+em+turismo+nas+redes+sociais&oeq=Metodologia+de+pesquisas+na+internet%3A+brevemente+considera%C3%A7%C3%B5es+sobre+uma+pesquisa+qualitativa+em+turismo+nas+redes+sociais&aqs=chrome..69i57.403-j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>>. Acessado em: 22 abr. 2017.

CAPRA, F. **A Teia da Vida: uma compreensão científica dos sistemas vivos**. Cultrix: São Paulo, 1996.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. (Coleção Tópicos).

GOMES, P.C.C. **Geografia e modernidade**. 10.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

HALL, S. **A identidade cultural na Pós Modernidade**. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

\_\_\_\_\_. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: Open University. **Media and Cultural Regulation**, da série **Culture, Media and Identities**, 1997. Disponível em: <[http://www.educacaoonline.pro.br/artigos\\_autor.asp?p\\_id\\_autor=381](http://www.educacaoonline.pro.br/artigos_autor.asp?p_id_autor=381)>. Acessado em: 08 ago. 2014.

IBRAM - Instituto Brasileiro de Museus. **Pesquisa da 13ª Semana Nacional de Museus**. Período de aplicação: 25 de maio a 30 de junho de 2015. Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/tag/13-semana-de-museus/>>. Acessado em: 18 set. 2016.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Perfil dos estados e dos municípios brasileiros: cultura: 2014**. Rio de Janeiro, 2015. 106p.

JORDÃO, G. **Panorama setorial da cultura brasileira - 2013-2014**. São Paulo: Allucci & Associados Comunicações, 2014.

MASSEY, D.B. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. 3.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

MUSEU DO EXPEDICIONÁRIO DE CURITIBA. Disponível em: <<http://www.museudoexpedicionario.com/>>. Acessado em: 04 mar. 2015.

OLIVEIRA, D. Reintegração social do ex-combatente no Brasil: o caso da Secretaria de Assistência da Legião Paranaense do Expedicionário - SA/LPE (1946-1960). **Revista Militares e Política**, Rio de Janeiro, n.9, p. 8-23, jul.-dez. 2011.

\_\_\_\_\_. **Guia do Museu do Expedicionário 2011**. Curitiba: UFPR, 2011. 87p. Disponível em: <[http://www.humanas.ufpr.br/portal/historia/files/2011/10/guia\\_museu\\_expedicionario.pdf](http://www.humanas.ufpr.br/portal/historia/files/2011/10/guia_museu_expedicionario.pdf)>. Acessado em: 04 jun. 2015.

**Portal da FEB**: Disponível em: <<http://www.portalfeb.com.br/>>. Acessado em: 07 abr. 2015.

RECUERO, R.C. **Redes Sociais na Internet: considerações iniciais**. Laboratório de interação mediada por computadores (UFRGS), 2005. Disponível em: <[http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/redes\\_sociais.pdf](http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/redes_sociais.pdf)>. Acessado em: 05 abr. 2017.

ROSA, A.S. **A reintegração social dos ex-combatentes da força expedicionária brasileira (1946-1988)**. 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba - PR.

ROSENHECK, U. Entre a comemoração do passado e a construção do futuro: os monumentos da FEB em seus contextos. **Revista Militares e Política**, Rio de Janeiro, n.3, p. 7-16, jul. dez. 2008.

SAHR, W.D. Signos e Espaço Mundo: a Semiótica da espacialização na Geografia Cultural. In: KOZEL, S.; SILVA, J.C.; FILHO, S.G. **Da percepção e cognição a representação: reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista**. São Paulo: Terceira Margem/ Curitiba: NEER, 2007.



SANTOS, J.L. **O que é Cultura**. 6.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Coleção Tudo é História).

SANTOS, M.S. Museu Imperial: a construção do império pela República. In: ABREU, R.; CHAGAS, M. (Orgs.) **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SILVA, M.A.P. **Os Veteranos da Força Expedicionária Brasileira: História, Memória e Patrimônio no Estado de Mato Grosso do Sul**. 2012. Disponível em: <[http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais14/arquivos/textos/Workshop/Trabalhos\\_Completos/Marcio\\_Silva.pdf](http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais14/arquivos/textos/Workshop/Trabalhos_Completos/Marcio_Silva.pdf)>. Acessado em: 06 fev. 2014.

XAVIER, D.W. **Museus em movimento: uma reflexão acerca de experiências museológicas itinerantes no marco da Nova Museologia**. 2012. Dissertação (Mestrado em Museologia) - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa.